

8 DE MARÇO | ESPÍRITO SANTO

MANIFESTO

PELA VIDA DAS
mulheres;
BOLSONARO
NUNCA MAIS!



O 8 de março é uma data internacional de luta das mulheres! Através de nossos corpos e de nossas vozes, atravessamos gerações e fronteiras para lutar contra as múltiplas opressões de gênero, raça, classe, orientação sexual, que sofremos cotidianamente, no Brasil e no mundo, lembrando as mulheres que vieram antes de nós!

Nós, mulheres do Espírito Santo, organizadas há mais de 40 anos, mais uma vez, mesmo sob enfrentamento da crise sanitária advinda da pandemia de Covid-19 e sob o governo genocida de Bolsonaro, Mourão e seus(as) aliados(as), tomaremos as ruas para gritar: **Pela vida das mulheres: Basta de genocídio!**

A figura de Bolsonaro personifica a misoginia, o racismo, a LGBTfobia, o capacitismo, o ódio ao pobre. Mas ele não está só! Seus filhos, Mourão, Damares, Queiroga, Guedes, Ribeiro, e tantos outros que fazem parte de sua gestão de morte, precisam desocupar a presidência neste ano eleitoral. Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Bolsonaro nunca mais!**

A vida política nunca foi fácil para as mulheres, ocupar espaços públicos, espaços de poder e de decisão sempre foi um desafio, mas temos visto um agravamento cotidiano da violência política contra várias mulheres de esquerda eleitas e contra lideranças feministas e de outros movimentos sociais! Não aceitaremos! Por isso, gritamos:

Pela vida das mulheres: Não nos calaremos!

Lugar de mulher é na política e onde ela quiser!



Nós, mulheres brasileiras, temos nossas vidas ameaçadas, e muitas tiveram a vida ceifada, de diversas maneiras. Destaca-se, na conjuntura de pandemia de Covid19, um projeto político de morte, que, propositadamente, atrasou a compra de vacinas, dificultou o envio de recurso aos estados, incentivou a volta precoce ao trabalho presencial e não ofertou condições de biossegurança àquelas trabalhadoras que nunca puderam se isolar. Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Fortalecimento do SUS público! Vacina no braço!**

O Sistema Único de Saúde (SUS) é patrimônio do povo brasileiro e vem sofrendo desmontes, com a terceirização dos hospitais públicos no estado do Espírito Santo. A terceirização do SUS, com parcerias público-privadas, piora a assistência à saúde da população, devido à alta rotatividade de profissionais e rebaixamento de salários, especialmente das trabalhadoras da enfermagem, composta em sua maioria por mulheres, como constatado em editais de processos seletivos. Contra a sornateira privatização e terceirização dos hospitais públicos capixabas, gritamos: **Pela vida das mulheres! Pelo direito à saúde pública! Casagrande, fortaleça e não privatize o SUS no ES!**

O gás está caro, a comida está cara, a luz está cara! Buscar restos de alimentos nas lixeiras e comprar ossos se tornou uma prática cotidiana desde que o Brasil voltou a figurar no mapa da fome! Nesse quadro, somente sob muita pressão foi criado um auxílio emergencial,



que também não foi suficiente para se contrapor às altas taxas de desemprego, já crescentes antes da pandemia. O cenário de extrema pobreza se agrava e a fome atinge milhares de brasileiras/os. De acordo com o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (2021), desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), em apenas dois anos, o número de pessoas em situação de insegurança alimentar grave saltou de 10,3 milhões para 19,1 milhões de pessoas, equivalente a 9% da população brasileira. Mulheres que conseguiram manter seus empregos, majoritariamente informais e sem estabilidade, ainda viram intensificar e/ou conheceram novas modalidades de assédio moral e sexual durante o curso da pandemia. É necessário lembrar que as mulheres em condições de trabalho mais precárias ou desempregadas, as que mais sofrem múltiplas violências e as que mais passam fome no Brasil são as mulheres negras. Das mulheres desempregadas, 58% delas são negras e 55% afirmam que a pandemia e a situação do isolamento colocaram em risco a sustentação da casa, de acordo com pesquisa da Gênero e Número (2021). O estudo da Rede PENSSAN identificou ainda que o fator raça influencia no quadro da fome com taxa de 10,7% das casas com mulheres negras, enquanto lares com mulheres brancas apontam índice de 7,5%. Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Comida no prato! Pelo fim da fome! Por emprego, salário digno e fim dos assédios!**



A fome e insegurança alimentar são fruto, também, da realidade agrária capixaba e brasileira, em que as terras, águas e minérios são mercadorias e, a maior parte delas, utilizadas para produção de monocultivos para exportação (como soja, cana, eucalipto), diminuindo as áreas produzidas de arroz, feijão e mandioca. Além disso, o aumento da utilização de agrotóxicos está produzindo doenças, mortes e contaminações. O PL 6299/2002, aprovado na Câmara dos Deputados em 09 de fevereiro, que flexibiliza as regras para aprovação do uso de venenos, vai ampliar a produção e utilização. Essa realidade afeta diretamente a vida das mulheres, seja no controle dos territórios do campo onde as mulheres trabalham, com seus saberes e práticas e são cada vez mais controladas e violentadas, seja no impacto na saúde das mulheres do campo e da cidade, visto a intrínseca relação entre agrotóxicos e câncer. “Dentre os efeitos associados à exposição crônica a ingredientes ativos de agrotóxicos podem ser citados infertilidade, impotência, abortos, malformações, neurotoxicidade, desregulação hormonal, efeitos sobre o sistema imunológico e câncer” (Instituto Nacional do Câncer, 2020). Diante disso, reiteramos que mais de 70% dos alimentos são produzidos pela agricultura familiar segundo o censo agropecuário de 2017, com destaque para as culturas de feijão, milho e mandioca. Por isso, lutamos pela ampliação das políticas públicas para a produção de alimentos, para a agricultura familiar e camponesa, para a produção Agroecológica e a desconcentração de terras com uma reforma Agrária que de fato altere a estrutura fundiária do Brasil e gere possibilidades de trabalho, moradia e renda para milhares de famílias trabalhadoras que enfrentam a fome e o desemprego. Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: corpos saudáveis, defesa dos territórios e da natureza, contra o PL dos venenos e pela Reforma Agrária Popular!**



Os sucessivos crimes de rompimento de barragens, com especial destaque para um dos maiores crimes socioambientais da história do Brasil, a Barragem de rejeitos de Fundação em novembro de 2015, sob propriedade e gestão das empresas mineradora Vale, Samarco S.A e BHP Billiton, têm violentado cotidianamente a vida das mulheres atingidas. Tais empresas não têm efetivado os programas de reparação em prol da equidade de gênero. As mulheres atingidas são tratadas como dependentes dos maridos, impondo ônus à vida cotidiana dessas. Os acordos, sob anuência do poder judiciário, realizados sem a participação popular, não garantem a reparação das vítimas do crime. Os crimes cometidos deixam um rastro de violações de direitos, doenças, impactos ambientais e econômicos, desrespeito às vítimas, as quais sofrem com a morosidade da Justiça e a negligência do Estado. Denunciamos a falta de participação dos(as) atingidos(as), em especial das mulheres, e, por isso, gritamos:

Pela vida das mulheres: Atingidas em luta por Justiça!

As mulheres também são violentadas e mortas, majoritariamente, por homens de seu convívio cotidiano: (ex)maridos, (ex)namorados, pais, padrastos, tios, primos, irmãos, filhos, netos. Estimativas globais publicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que aproximadamente uma em cada três mulheres (35%) em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida, o que representa cerca de 736 milhões de mulheres.



De acordo com o levantamento do Datafolha, encomendado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, "Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil", de 2021, 4,3 milhões de mulheres brasileiras de 16 anos ou mais (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. Isso significa dizer que a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia de coronavírus. No Espírito Santo, segundo dados consolidados do Observatório de Segurança Pública/Sesp, somente em 2021, foram 106 homicídios de mulheres e 38 feminicídios! Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Fim das violências já! Parem de nos matar!**

Durante a pandemia, a cada oito minutos uma mulher sofre violência, e, segundo a Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, mais da metade são negras. Vivenciamos ainda diversas manifestações de racismo no cotidiano, dentre eles o racismo religioso. No último 02 de fevereiro de 2022, vimos, na capital do Espírito Santo, a administração reacionária da Prefeitura de Vitória desligar a iluminação do Pier de Iemanjá, tentando prejudicar a expressão religiosa de matriz afro. Lembramos que a estátua é a única referência pública na arquitetura da cidade de cultos afro-brasileiros. Por isso, gritamos:

Pela vida das mulheres: Racistas, não passarão! Vidas negras importam! Reconhecimento do Estado laico!



Nos últimos 20 anos, 51% das mulheres vítimas de violência letal foram mortas por disparo de armas de fogo, segundo levantamento inédito feito pelo Instituto Sou da Paz (2021). O perfil dessas mortes por emprego de arma de fogo aponta para uma maioria de mulheres negras (70,5%), jovens (51,8% tinham até 29 anos de idade) e da região Nordeste, que concentra 43% dos homicídios de mulheres por violência armada. Têm suas casas e seus corpos invadidos. Se não são elas as assassinadas, são seus(as) filhos(as). São, portanto, as mulheres negras periféricas que mais sofrem com políticas de Segurança Pública que mais se assemelham a políticas de defesa da propriedade privada, fortalecimento de milícias e grupos de extermínio. O presidente Jair Bolsonaro tem se empenhado para cumprir a promessa eleitoral de facilitar o acesso dos brasileiros às armas de fogo. Desde que assumiu o Palácio do Planalto, em janeiro de 2019, assinou aproximadamente 30 normas que, entre outras mudanças, abrandaram as exigências para a posse e o porte, aumentaram a quantidade de armas e munições que o cidadão pode possuir, liberaram o comércio de armas antes restritas às forças de segurança pública e dificultaram a fiscalização e o rastreio de balas. Em 2018, foram registradas pela Polícia Federal 46 armas por dia no país.

Em 2019 e 2020, foram, em média, 387 registros diários.

Por isso, gritamos: **Pela**

vida das mulheres:

Racistas, fascistas e

milicianos não passarão!

Pelo fim do genocídio nos

territórios periféricos!

Por políticas públicas:

educação, cultura e lazer para

a juventude!



Praticamente inexitem políticas públicas para pessoas LGBTI+ no Espírito Santo e no país. O relatório do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil apontou que, de janeiro a agosto de 2021, 207 pessoas da população LGBTI+ foram assassinadas ou se suicidaram em decorrência de crimes de ódio. Estamos na região sudeste, que, de acordo com a ANTRA, tem a maior concentração dos assassinatos da população trans (35% dos casos) de 2017 a 2021. O estado do Espírito Santo não tem políticas públicas de saúde, nem de assistência social e ainda esconde os dados sobre a violência sofrida todos os dias pela população LGBTI+. Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Pelo fim da LGBTI+fobia e por políticas públicas já!**

Para que a reprodução das vidas e da força de trabalho das mulheres aconteça com dignidade é fundamental que haja políticas educacionais que garantam o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade. As inúmeras reformas educacionais neoliberais expropriam a classe trabalhadora do conhecimento científico crítico, instrumento para a transformação social.



Destacamos o chamado “Novo Ensino Médio” que restringe ainda mais o acesso ao conhecimento sócio-historicamente construído, seja na Educação Básica e no acesso ao Ensino Superior nas Universidades públicas, majoritariamente sustentadas pela classe trabalhadora, porém, contraditoriamente, sob projeto acelerado de elitização. O acesso à educação sexual e ao debate de gênero nas escolas tem sido impedido por uma justificativa religiosa fundamentalista, por um lado, e por uma lógica liberal de que filhas e filhos são propriedades privadas dos pais e mães, por outro. Temos programas conservadores para jovens meninas na capital tais como o “Eu escolhi esperar”, ao invés de escolher informar! Contra o sequestro do acesso ao conhecimento, gritamos:

Pela vida das mulheres: Em defesa da educação pública para a classe trabalhadora! Por educação sexual nas escolas! Por uma universidade pública pintada de povo!

Uma em cada dez meninas no mundo deixa de ir à escola quando está menstruada. No Brasil, estima-se que seja uma em cada quatro. Dificuldades financeiras para comprar absorventes, falta de informação, bem como de estruturas sanitárias, e tabu sobre o assunto, estão entre as causas do problema reconhecido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e batizado de “pobreza menstrual”. Ela faz com que pessoas que menstruam recorram a panos velhos, papel higiênico, miolo de pão e, até mesmo, plástico, o que pode acarretar sequelas graves à sua saúde.



Todas as pessoas que menstruam têm direito à dignidade menstrual, o que significa ter acesso a educação menstrual e condições de higiene adequadas. A promoção de saúde menstrual significa a distribuição gratuitamente de absorventes higiênicos para estudantes de baixa renda matriculadas em escolas da rede pública de ensino, para pessoas que menstruam em situação de rua ou de vulnerabilidade social extrema, para as mulheres e homens trans presidiários e para adolescentes internadas em unidades para cumprimento de medida socioeducativa. Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres! Por promoção de saúde, dignidade e por dignidade menstrual!**

Por políticas públicas que garantam que mulheres e demais pessoas que engravidam possam ter autonomia sobre seus corpos para decidirem suas vidas! Isso significa ter creches e infraestrutura para que mulheres trabalhadoras que queiram ter filhos e filhas e ter atendimento público no SUS para aborto legal e seguro quando não. Queremos a descriminalização do aborto, a garantia de atendimento de qualidade nos serviços já criados e a ampliação dos serviços para os locais públicos que não os possuem. Queremos lazer, educação, queremos nossos filhos e filhas vivos e vivas! Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Pelo aborto legal e seguro pelo SUS! Por Justiça Reprodutiva, pelo direito de gestar, parir e criar nossos filhos e nossas filhas livres de violências!**

Somos mulheres do campo e da cidade, das comunidades indígenas e quilombolas, expropriadas de nossas terras, de nossos saberes, da nossa relação direta com a natureza, engolidas por barragens rompidas pela sanha capitalista, assassinadas por lutarmos por terra e moradia.



Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Fim da violência no campo! Demarcação já! Justiça e memória!**

A luta é das mulheres capixabas, é das mulheres brasileiras e também é das mulheres latino-americanas e das periferias do mundo! Estamos exaustas de sermos corpos explorados, oprimidos e violentados em prol do acúmulo capitalista. Por isso, gritamos: Pela vida das mulheres: Por uma revolução feminista latino-americana, antirracista, anticapitalista, antiLGBTfóbica, anticapacitista e anti-imperialista!

É preciso lembrar, contudo, que a luta das mulheres atravessa os séculos, e a mudança de governo não responde às necessidades de mudanças estruturais reivindicadas pelas mulheres. A luta imediata pela democracia é a luta para que prossigamos com o direito de expressar nossas demandas, de ocupar também esses espaços, sem perder de vista que a nossa luta é revolucionária: anticapitalista, antipatriarcal, antiLGBTfóbica, anticapacitista e antirracista! Queremos comida no prato, vacina no braço, saúde e educação! Por isso, gritamos: **Pela vida das mulheres: Por um Brasil feminista, sem fome, sem desemprego, sem machismo, sem racismo e sem violências!**

Diante da assombrosa conjuntura que assassina mulheres todos os dias, seja de fome, de desemprego, de desalento; seja pela cor da nossa pele; seja por nossa orientação sexual; seja porque somos classe trabalhadora; seja pelo local (por) onde moramos;



seja porque não nos calam; seja porque faltam, privatizaram ou propositadamente impediram nosso acesso a políticas sociais; seja porque nunca deixamos ou deixaremos de lutar, gritamos: **Pela vida das Mulheres! Bolsonaro nunca mais!!**

ASSINAM O MANIFESTO:

Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB)

Associação de Mulheres de Cariacica Buscando Libertação (AMUCABULI)

Associação de Mulheres Negras e Quilombolas de São Mateus e Sapê do Norte

Associação de Mulheres Unidas da Serra (AMUS)

Associação dos Docentes da Ufes (ADUFES)

Bloco Afro Kizomba

Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB ES)

Central Sindical e Popular Conlutas (CSP CONLUTAS-ES)

Central Única dos Trabalhadores (CUT-ES)

Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz (CEBRAPAZ)

Centro de Estudos Bíblicos (CEBI-ES)

Cine por Elas

Círculo Palmarino ES

Coletiva Feminista Classista Ana Montenegro ES

Coletivo Belas - São Mateus/ES

Coletivo Constância de Angola - São Mateus/ES

Coletivo Dona Astrogilda - Aracruz/ES

Coletivo Evas Negras

Coletivo FEPNES - Sul do ES

Coletivo Mães Eficientes Somos Nós

Coletivo Maria Vai com as outras para a Luta

Coletivo Mulheres que Lutam - Guarapari/ES

Comissão Direitos Humanos da Ufes



Conselho Regional de Serviço Social (CRESS)
Feminismo e Revolução
Fórum de Mulheres de Cariacica
Fórum de Mulheres do Espírito Santo (Fomes)
Frente pela Legalização do Aborto Espírito Santo (FAPLA-ES)
Gerando Falcões
Grupo de Mulheres de Castelo Branco
Instituto Quadro de Esperança
Intersindical Central da Classe Trabalhadora
Levante Popular da Juventude
Mandato Ilma Viana (Vereadora Camila Valadão)
Movimento de Mulheres Camponesas (MMC-ES)
Movimento de Mulheres Olga Benário
Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB)
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST-ES)
Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH-ES)
Movimento Negro Unificado (MNU-ES)
Mulheres Unidas do Caratoira (MUCA)
Nação Mulher ES
Núcleo de Pesquisa em Gênero e Sexualidade da Ufes
Partido Comunista Brasileiro (PCB-ES)
Partido Socialismo e Liberdade (PSOL-ES)
Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU-ES)
Rede Sustentabilidade ES
Santa Sapataria ES
Secretaria de mulheres do PC do B ES
Secretaria de Mulheres do PT/ES
Sinasefe Ifes
Sindibancários ES
Sindilimpe ES
Sindipúblicos ES
Sindprev ES



Sindsaúde ES

Sindsmuvi

Sintect ES

SISPMC Colatina ES

União Brasileira de Mulheres (UBM ES)

União da Juventude Comunista (UJC ES)

Unidade Negra Capixaba

Unidade Popular pelo Socialismo

Zacimba Gaba - Movimento de Mulheres Negras de Colatina e Região

